

UNIVERSIDADE POSITIVO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
FOTOJORNALISMO

Thomas Mayer Rieger

O OLHAR – Os Pacientes do Hospital de Olhos do Paraná

Curitiba
2009

O Olhar

Os pacientes do Hospital de Olhos do Paraná

Nos arredores da Praça da Espanha, vê-se um bairro de elite na cidade de Curitiba: o Batel, ultimamente chamado de Batel Soho, dada a “incrível semelhança” da região com o Soho original, de Nova Iorque. É um lugar digno de primeiro mundo: organizado, bem cuidado, repleto de cafés e restaurantes de altíssimo nível. Uma veia europeia num país em desenvolvimento.

Ao se subir a Rua Fernando Simas, vê-se um elemento alienígena no seio de tão nobre região: o povo. Na esquina com a Alameda Augusto Stelfeld, além dos caros restaurantes, cafés e lojas, vê-se uma longa fila de pessoas em frente a uma pequena e mal-cuidada casa. Elas não calçam sapatos de marcas famosas, não vestem roupas de grife, não ostentam exuberância. Elas estão naquela fila desde antes de o Sol nascer, e todas esperam pela mesma coisa: tratamento médico.

Lá se localiza o Hospital de Olhos do Paraná. Não é, entretanto, o hospital particular com estrutura de último tipo; é o ambulatório atendido pelo SUS – Sistema Único de Saúde. Pessoas vêm de diversos municípios do estado para serem atendidas, e muitas têm que fazer verdadeiras viagens para chegar à unidade médica. “Eu tenho que sair uma hora e meia da manhã da minha casa para pegar o ônibus em Ponta Grossa. É bem complicado.”, conta Débora (36). Mesmo tendo chegado cedo, a maioria dos entrevistados só voltaria para casa ao final do dia: “Meu oftalmologista de Campo Mourão me encaminhou para cá para eu fazer transplante de córnea. Cheguei às quatro e meia da manhã na fila. Eu já fui atendido, mas agora tenho que esperar a condução para voltar”, diz Raimundo (64).

Dentre os problemas de visão mencionados pelos pacientes, o glaucoma e a catarata são os mais recorrentes. “Eu comecei com uma dor de cabeça, aí eu fui a um médico particular, que atestou como glaucoma. Ele falou que ia passar para o SUS porque é um tratamento que só tem controle, não existe uma cura ainda no Brasil ou no mundo.”, conta Gláucia (57). O glaucoma, diferentemente do que muitos pensam, não é uma doença só. É, na verdade, um conjunto de doenças que atingem o nervo ótico e que fazem com que se percam células ganglionares da retina. Alta pressão interna do globo ocular é um fator de risco para o desenvolvimento desse problema, tanto que é o procurado no exame preventivo: “O que acontece nesse caso é a subida da pressão do

olho. No exame, é medida três vezes a pressão do olho: uma vez na parte da manhã, ao meio dia e o outro às duas e meia, três horas da tarde”, explica Gláucia.

Já a catarata é relacionada à opacidade do cristalino, uma das membranas presentes nos glóbulos oculares. Nesse caso, a visão vai se tornando progressivamente embaçada, fazendo com que os olhos fiquem esbranquiçados. “Segundo o médico, eu tenho, na vista esquerda, de 5 a 8% de visão. No começo, eu achava que era coisa da idade, que logo ia passar. Mas aí começou a embaçar tanto que agora eu não consigo nem mais ler.”, diz Alceu (78).

Ao se observar o Hospital de Olhos, vê-se muitas coisas: um retrato da desigualdade presente no Brasil; a insuficiente infraestrutura do Sistema Único de Saúde e sua inabilidade em lidar com o número de pacientes; o impacto dos problemas de visão na vida das pessoas. Mas a marca mais forte que os pacientes de lá deixam em nossas consciências são suas histórias de vida. A perseverança de viajar mais de 500 km para ter seu filho atendido por um médico qualificado; a aceitação de sua condição física; a compaixão com os outros pacientes. São retratos da gente.







